

## **A Força Comunicativa no Movimento MangueBeat<sup>1</sup>**

Felipe Castro de SOUZA<sup>2</sup>

Ana Cecília Aragão GOMES<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal/RN

### **Resumo**

A comunicação sempre foi peça fundamental da evolução social humana. E a arte esteve desde muito cedo a serviço dos esforços comunicativos humanos. Seja para educar, entreter, inspirar, a arte, enquanto experiência estética, invariavelmente cumpre o papel de comunicar. Vamos explorar neste trabalho a capacidade do homem de apropriar-se da arte para transmitir ao mundo seus sentimentos e pensamentos. Daremos maior importância para o homem popular contemporâneo e suas manifestações culturais. Usaremos o exemplo do movimento Manguebeat a fim de ilustrar nossa pesquisa. Este estudo desenvolvido com natureza bibliográfica busca compreender as relações existentes entre os fatores sociais e a arte com as suas expressões comunicativas.

**Palavras-chave:** Arte, Comunicação, Manguebeat, Estética.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 9º. semestre do Curso - Publicidade e Propaganda da UFRN, e-mail: fipenet@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho: Professora do departamento de comunicação social da UFRN. e-mail: anacecilia\_ag2@yahoo.com.br

## 1. Introdução

Um dos elementos pelos quais o Manguebeat foi escolhido para este estudo foi sua capacidade de alastramento. O movimento nasceu na cidade do Recife mas sua influência transbordou para todo o Brasil e chegou a alçar voos para o exterior em dado momento. Observa-se também, a incrível experiência social que o movimento despertou no âmbito da música, além de várias outras características, que fazem do Manguebeat um movimento único e tido como o maior movimento genuinamente brasileiro, características essas que veremos no decorrer do texto. O Brasil já experimentara outros movimentos de renome, como a Bossa Nova e a Tropicália. Entretanto, o Manguebeat se distinguiu por ser um movimento nascido na efervescência dos anseios dos jovens pernambucanos de camadas sociais populares. É a superação dos menos favorecidos, é o grito daqueles que antes não tinham voz. É irreprimível uma comparação com as manifestações dos negros em tempo de escravidão, que, por exemplo, emprestam nome ao próprio grupo Nação Zumbi, numa alusão a Zumbi dos Palmares, último líder do maior grupo de refugiados escravos africanos em terras tupiniquins. Essa referência revela o sentido politizado do grupo musical e do movimento como um todo.

No que tange a comunicação, essa troca de informação a fim de criar um processo de entendimento é, na verdade, o ato de materializar pensamentos e sentimentos em signos conhecidos pelos participantes envolvidos no sistema. Esta capacidade cognitiva de transmissão de símbolos sempre foi ativa na existência humana. O homem com sua aptidão de transformar, seja evoluindo ou regredindo, passou a construir uma série de mecanismos de transmissão de códigos a serem interpretados por outros receptores, mecanismos dos quais participam qualquer ruído, gesto ou figura de cunho comunicativo. Seja a linguagem auditiva ou visual, o homem criou diversas formas de comunicação. Os exemplos são muitos e vão desde a língua falada, escrita ou imagética. Contudo, a forma de comunicação que vamos explorar nesse estudo é, sem dúvida, uma das formas de expressões de pensamentos e sentimentos mais subjetivas que o homem já desenvolveu: a arte. Entendendo arte aqui como a expressão singular do imaginário humano, como experiência comunicativa na qual o homem usa para expor de uma determinada visão de mundo.

Veremos como a arte contemporânea ajudou o homem a criar novas singularidades, redimensionando e ampliando o papel da periferia urbana na História, quebrando hierarquias pré-estabelecidas pela sociedade e dissolvendo antigas fronteiras impostas pelo modelo econômico vigente. Pois, assim como diz Juan Mosquera em seu livro *Psicologia da arte* "A arte não é apenas a glorificação do belo, do significativo, mas a relação implícita que existe entre o fato social e a sua expressão" (MOSQUERA, 1976, p. 63).

## **2. Arte e Suas Expressões Comunicativas: Uma Contextualização do Modernismo aos Dias Atuais.**

Para a maior parte dos grandes pensadores do mundo grego antigo, a Arte era, em seu tempo, uma das ferramentas educacionais mais importante à qual o homem teria acesso. A poesia inspirava, por exemplo, belas histórias de homens e deuses com grandes poderes e isso influenciava fortemente o comportamento cultural do homem grego. A Arte segue mudando paralela à história da humanidade, e nos momentos em que o mundo clama por transformações, ela responde de forma pioneira ao adentrar o desconhecido como bandeirante dos novos conhecimentos, capaz de produzir, conforme diz Janice Caiafa "um trabalho criador com as formas expressivas", abrindo "brechas nas subjetividades padronizadas, fazendo surgir singularidades" (2000, p. 66).

Deixemos de lado, por ora, esse comportamento contemporâneo da arte, com a intenção de fazer uma breve análise da sua ruptura com o papel que exercia em fins do século XIX e início do século XX, a fim de compreender como a Arte deixou, em algum ponto, de ser mero culto à produção técnica, imitação da realidade, para ser expressão máxima do sentimento do artista em relação à sociedade na qual está imerso. De fato, nesse período surge uma série de mudanças sociais<sup>4</sup> que leva o homem a transformar os moldes das artes plásticas e da literatura. É nesse contexto que nasce uma miríade de movimentos

---

<sup>4</sup> A segunda revolução industrial acontece na segunda metade do século XIX. Uma série de novas tecnologias mudaram a forma de produção da época. Os setores mais atingidos são às indústrias elétrica, química, metalúrgica, petrolífera e farmacêutica. Invenções como motor de combustão interna, telefone, rádio, filme fotográfico, cinema, automóvel, entre outros, trouxe mudanças significativas na sociedade daquele tempo.

artísticos vanguardistas intitulados modernistas<sup>5</sup>. "O tema da arte deixa então de ser o mundo naturalista e passa a ser a própria arte e sua linguagem" (GONÇALVES, 2007, p. 7).

Os artistas estavam agora interessados em carregar de informações as suas artes. Os artistas do movimento neerlandês *De stijl*, por exemplo, primavam pela união da forma e da função, gerando profunda influência sobre as artes plásticas e também, principalmente, no mundo do design, herança dos seus irmãos construtivistas russos, que a partir da revolução de 1917, pregavam os mesmos princípios para a arte. Conferiam forte relevância à produção de utensílios funcionais, esteticamente atrativos e relativamente baratos. Observa-se, a partir daí, uma crescente preocupação por parte do mundo das artes com a classe economicamente menos favorecida.

A intenção passou a ser transformar a arte numa porta para o conhecimento. Neste sentido, os artistas contemporâneos criaram uma releitura da produção estética. "Passa-se a operar por desconstruções" (GONÇALVES, 2007, p. 7). A arte passa a ajudar aquele homem outrora esquecido às margens da sociedade a se comunicar com o mundo.

### 3. Sociologia da Arte

Com a intenção de desvendar algumas relações entre as práticas artísticas e como elas se comportam em relação ao desenvolvimento da sociedade, alguns aspectos sociais que exercem influência na construção dessas artes foram analisados. Cristina Costa em seu livro *Questões de Arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico*, aponta um estudo do inglês Dave Douglass, em que o pesquisador faz comparações entre músicas criadas por trabalhadores de minas de carvão e marinheiros ingleses. Douglass percebe que as canções dos mineiros eram trágicas e alertavam para os desastres nas minas, ao passo que as canções dos marinheiros eram festivas e alegres, cantando a liberdade da vida no mar (2004, p. 18). Tem-se o indício de que, neste sentido, as construções estilísticas presentes nessas músicas são ocasionadas por fatores sociais. Todavia, deve-se atentar para não reduzir a autonomia da Arte acreditando que ela está totalmente subjugada a pressões sociais.

---

<sup>5</sup> Movimento modernista: nome dado para caracterizar uma série de movimentos artísticos. Escolas e estilos que, como a própria palavra remete, pretende se contrapor ao que consideram ultrapassado. Permearam as artes plásticas, literatura e o design. Tem início no fim do século XIX e se estende até os meados do século XX.

Como vimos no exemplo do pesquisador Dave Douglass, a arte prescinde de um estímulo cultural. No entanto, o artista necessita, além dessas condições históricas, ter suas vontades e impulsos imanes, ou seja, as forças que surgem de dentro do indivíduo. Somente coadunando essas razões apolíneas e dionisíacas o indivíduo consegue criar arte. Como aponta Nietzsche, as duas têm uma função fundamental e se completam.

No estado apolíneo, o homem joga com a realidade, no estado dionisíaco, ou de embriaguez, ele joga com a vontade ou com a própria natureza que nele se revela: “Mas se a embriaguez é o jogo da natureza com o homem, a criação dionisíaca é o jogo com a embriaguez... O servidor de Dioniso deve estar em estado de embriaguez e ao mesmo tempo permanecer postado atrás de si como um observador. Não é na alternância entre lucidez e embriaguez que se encontra o estado dionisíaco, mas em sua simultaneidade.” (DIAS, 2011, p. 90-91).

A Arte caminha lado a lado com os costumes de um determinado povo em um determinado espaço de tempo. Ela pode ser observada a fim de se constatarem mudanças no comportamento da sociedade, funcionando como um "barômetro que anuncia com infalível certeza todas as tempestades políticas e sociais" (Kelly, 1972, p. 15).

Outra questão importante que temos que levantar no estudo da sociologia da arte é a participação cada vez maior de várias camadas da sociedade em seu âmbito. Os moldes da arte mudaram drasticamente nos últimos 100 anos, desde as transformações no começo do modernismo, já citados, até a arte contemporânea. Uma quantidade cada vez maior de artistas passa a abandonar as plataformas-padrão da arte<sup>6</sup> construindo uma dinâmica nova. "Por meio das novas tecnologias, a arte expande-se, constituindo um forte mecanismo de criação de subjetividade e mudando o nossos modos de existência." (KELLY, 1972, p. 42). Com isso, cria-se o despertar de um número maior de interessados não só no consumo da arte mas como potenciais produtores.

Um exemplo de arte despregada desses padrões é a *Performance Art* ou, em português, Arte Performativa. Gênero artístico que surgiu nos Estados Unidos na segunda metade do século XX, a *Performance* é tida como uma arte libertadora, pois usando apenas o próprio corpo para comunicar-se com o mundo o artista traz consigo, de forma intrínseca,

---

<sup>6</sup> Entendendo plataformas-padrão da arte como os recursos mais clássicos utilizados pelos artistas como papel, tinta, gesso, argila, madeira e metais.

grande carga de expressão e significado. O homem deixa de ser somente artista, passa a ser obra de arte.

Começaram então a surgir nas periferias de todo o mundo diversos movimentos artísticos populares. Seja no pixo, grafite, música ou dança, o homem suburbano encontrou uma forma de comunicar ao mundo suas dores, angústias e alegrias. Um exemplo interessante de movimento artístico popular brasileiro é o *Manguebeat*, sobre o qual tentaremos tecer uma análise mais detalhada nos capítulos que seguem.

#### 4. O Movimento

Chico Science, Fred 04, Renato L e Helder Aragão, idealizaram o pseudônimo "mangue" (moradia dos excluídos da capital e dos caranguejos) como metáfora para as ideias que guiavam suas criações artísticas. Em seguida, surgiram diversas alusões dentro do mesmo contexto, sempre relacionando a cidade de Recife (Manguetown), o homem (caranguejo), a política, a mídia, o mangue. É interessante destacar que o Manguebeat também pode ser chamado de Manguebit para fazer referência aos *Bits*<sup>7</sup>, evidenciando assim a importância das novas tecnologias dentro do movimento. Além disso, o símbolo da antena enterrada na lama demonstra a intenção de estar conectado ao mundo e sua capacidade de absorver novas culturas.

Nascido e criado nos arredores da cidade do Recife, o Manguebeat tem um contexto intrigante. Ao analisarmos o manifesto "Caranguejos com cérebro"<sup>8</sup> escrito por Fred 04 em 1992, nos é revelado um pouco sobre a situação da capital pernambucana. Senão, vejamos; a metrópole já estava insuportavelmente abarrotada, a vida urbana tomava o espaço da terra em sua essência. Os manguezais, berço da vida marítima, foram praticamente todos destruídos pelo homem para dar lugar a uma civilização que crescia desordenadamente. A classe economicamente menos favorecida fora esquecida pelos seus representantes governamentais. Sem voz, a população enfrentava o drama de viver numa cidade megapopulosa e com um dos menores IDHs de toda América até então. Surgem aí alguns

---

<sup>7</sup> Unidade binária de informação utilizada na computação.

<sup>8</sup> Uma versão modificada foi publicada no encarte do primeiro disco de Chico Science e Nação Zumbi (Da Lama ao Caos, 1994), mas o original ainda está acessível no link [http://www.recife.pe.gov.br/chicoscience/textos\\_manifesto1.html](http://www.recife.pe.gov.br/chicoscience/textos_manifesto1.html)

artistas que começariam a usar a arte como forma de expressão. Nessa perspectiva, a arte está totalmente ligada a produção cultural e comunicacional. A arte assume a condição de uma linguagem social. "O artista encontra-se sob a influência e dentro do contexto natural, social e cultural" (KELLY, 1972, p. 42).

Os *mangueboys* e *manguegirls* foram a resposta social a esse conflito urbano, preocupados com a "parada cardíaca" iminente da Manguetown (alusão a cidade do Recife). Esses jovens articulados se interessavam pela desaceleração do mundo moderno e a construção de uma nova cultura áspera, mas rica em consciência social, política e musical. Na música, o Mangubeat bebe de influências nacionais como o maracatu, coco, samba, embolada, mesclando-os com ritmos da cultura pop mundial como o rock, reggae, rap, funk e hip-hop, criando um ritmo tão diversificado e rico quanto o mangue, repleto de espécies de animais e vegetais.

O movimento foi a forma que a periferia da grande Recife encontrou para comunicar ao mundo seus anseios. Uma relação da arte com o cenário social. A expressão do povo buscando ser ouvido pelo mundo. Nesse contexto a arte passou a se integrar na sociedade em consonância com a economia, religião, política e com o homem em determinada comunidade com suas particularidades, que, "na versão estreita, é a manifestação de arte a serviço de uma doutrina, em regra revolucionária, tentando uma mudança social" (KELLY, 1972, p. 38).

Como disse Celso Kelly citando Sérgio Milliet: "Assim a poesia, cujo conceito e conteúdo variam de conformidade com a época, os problemas do homem, sua maneira de sentir e compreender o mundo". (KELLY, 1972, p. 34). Sérgio Milliet comentou sobre a poesia, mas poderíamos abranger sua fala à arte como um todo sem perder a veracidade de sua frase.

## **5. Seus Representantes**

Para entender o quão caro é para nós, pesquisadores deste artigo, o movimento Mangubeat e seus representantes, temos que fazer uma breve análise da indústria da música, não só dos anos 80/90, como nos dias atuais também. Estimulada por interesses

mercadológicos, essa indústria mantinha e ainda mantém um padrão comercial, cerceando a criação de novas artes singularizadas. O novo não tem seu espaço. Não só na cidade do Recife, esse fenômeno faz parte da realidade do mundo e de sua economia. Porém, no Brasil, as cidades fora do eixo Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais sofriam ainda mais para conseguir conquistar os holofotes da mídia. No cenário do Rock, Brasília e algumas poucas cidades do sul conseguiam algum destaque; no nordeste brasileiro, poucos conseguiam lograr êxito. Nos anos 80 Alceu Valença e Geraldo Azevedo eram exceções à regra. Nesse sentido, o Manguebeat surgiu como uma contracultura, desconstruindo a cultura convencional, padronizada. Como o próprio Chico Science afirma em uma entrevista para o jornal Folha de São Paulo:

As pessoas que moram em Recife estavam sentindo uma necessidade muito grande de renovar a cultura da cidade. Quando surgiu o manguebeat elas abraçaram a nossa causa. A gente ganhou amigos. Os produtores de vídeo, o pessoal da fotografia, das artes plásticas, do teatro foram aceitando a ideia, trabalhando conosco, isto permitiu que o movimento estourasse fora da cidade. (TALES, 2000, p. 329)

Assim sendo, o Manguebeat, como outros diversos movimentos, contribuem para combater a absorção da arte pela máquina capitalista que tem transformado a arte em produto totalmente sujeita às regras econômicas de oferta e demanda. Comportamento esse analisado por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer (1986) em seus estudos da Indústria Cultural, que, como apontaram, vem fragilizando a capacidade crítica da arte e construindo um público mais acrítico e resistente ao novo.

Na intenção de resgatar o contexto sócio-histórico no qual se inseriam os representantes do Manguebeat, é necessário falar um pouco sobre o surgimento deles concomitantemente com algumas características da época em que estavam inseridos.

A banda Mundo Livre S/A fez 30 anos em 2014. Seus primeiros passos, no ano de 1984, aconteceram por pura diversão, pois, como já foi mencionado, não existia circuito musical ou cultural na capital pernambucana. Em janeiro daquele mesmo ano, Steve Jobs lançava o primeiro Macintosh e a unidade de armazenamento mais usada era o disquete. No mundo do samba, gênero musical que também inspira o grupo, era inaugurado o Sambódromo na cidade do Rio de Janeiro. A internet era desconhecida da maior parte da população mundial, acessada com um modem via linha telefônica e praticamente só existia



nos Estados Unidos. Aos interessados no cenário musical restavam-lhes os fanzines com textos e quadrinhos e também as fitas cassete com as demos das bandas. Foi nas garagens de Candeias, bairro de Jaboatão dos Guararapes, distrito da Grande Recife, onde Fred Rodrigo Montenegro ou simplesmente Fred 04, seu irmão Fábio e mais os dois amigos (Neguinho e Havron) se juntaram para trazer uma nova roupagem ao mundo do punk rock, injetando doses de psicodelismo brasileiro ligados a uma guitarra baiana.

Francisco de Assis França, como era chamado o cantor e compositor brasileiro Chico Science, nasceu no dia 13 de março de 1966, dois anos após o começo da ditadura militar, na cidade do Recife. Caçula de uma família de quatro filhos, foi criado em bairro pobre, por família humilde e conservadora, pelas regras e limites estabelecidos por seu pai, Francisco de Assis França. Quando jovem, conseguia dinheiro para sair no final de semana vendendo caranguejo e frequentava bailes funk mesmo contra a vontade dos pais. Chico, junto com seu amigo Gilmar Bola Oito (colega de trabalho e futuro percussionista da Nação Zumbi) começou a participar do movimento sociocultural Daruê Malungo (Companheiro de guerra no dialeto Ororubá), projeto que usava a cultura para tirar crianças e jovens da marginalização das ruas. Nesse projeto, Chico Science, já então acima dos 20 anos de idade, teve acesso a diversos gêneros musicais e culturais como maculelê, capoeira, afoxé, maracatu, samba-reggae entre outros. Não demorou muito até que ele formasse sua própria banda. Depois disso, já liderando a Nação Zumbi, fez turnês pelos EUA, Bélgica, Suíça, Alemanha, Holanda. Logo depois, dividiram o palco com Gilberto Gil, em um festival de música no Central Park em Nova Iorque para milhares de pessoas. A crítica no *The New York Times* dizia que a capital pernambucana viraria um novo celeiro cultural devido à fusão frenética de todos os ritmos. Porém, Chico Science não teve tempo de concluir seu maior projeto. Teve sua carreira precocemente encerrada por um acidente de carro que o matou numa das vias que ligam as cidades Olinda e Recife deixando apenas dois discos gravados. Não obstante, foi um dos maiores expoentes da música brasileira e um dos principais colaboradores do movimento Mangubeat.

O fato é que o Mangubeat foi o principal motor que levou Recife de volta ao centro musical e cultural do país e estendeu sua influência a diversas bandas de Pernambuco e do Brasil. Os gigantes do movimento como a Mundo Livre S/A, Chico Science & Nação

Zumbi, Sheik Tosado, Mestre Ambrósio, DJ Dolores, Dr. Charada, Comadre Fulozinha, Jorge Cabeleira, Eddie, Via Sat, Cordel do Fogo Encantado, Querosene Jacaré e tantos outros mostram que a força do Mangubeat é grande e continua exercendo forte influência ainda hoje.

## 6. Conclusão

O homem moderno parece não conseguir decidir sozinho o que apreciar nas coisas. Não tem mais tempo de julgar por si o que realmente vale admirar no mundo como ele é, num mundo onde "necessidades desnecessárias" são criadas todos os dias para manter um padrão de vida vendida pela mídia, com o principal motivo de movimentar o Capital. Esse mesmo homem contemporâneo parece ter perdido a vontade e a capacidade de criar e questionar o seu próprio mundo. E, com tantas novas ferramentas ao seu alcance, ele se apresenta, paradoxalmente, como um reprodutor de cultura, e cada vez menos como criador dela.

A arte surge como uma válvula de escape dessa caótica realidade, como mecanismo de estímulo crítico e criativo e, nessa orientação, nos aparece como fabricadora de novos conhecimentos. O artista é o artesão das novas competências e das singularidades. Os movimentos como o Mangubeat são os respiradouros da sufocante indústria cultural e de seus critérios padronizados.

A Recife dos dias de hoje já aparece como grande polo cultural brasileiro. Os tempos são outros, as preocupações são outras, mas o movimento Mangubeat ainda está vivo dentro daqueles que ainda remam contra a maré do sistema que tenta empurrar as mesmices comerciais. Em matéria publicada pelo portal UOL no ano de 2012, Fred 04 revê o Manifesto 15 anos após a morte de Chico Science e adapta a leitura para os dias atuais.

Mas o universo mudou. Se antes os manguboys se inspiravam na antipsiquiatria e na teoria do caos, hoje alguns deles se interessam pelo conceito de capitalismo linguístico; descobertas recentes no campo da neuroplasticidade; experimentos obscuros da Googleplex; estudos avançados sobre sinapses e redes neurais; a falácia do conceito de "cérebro out-board" e a relação entre o uso contínuo de multitarefas com distúrbios do hipocampo cerebral. Não por acaso, alguns de seus novos gurus são o escritor Nicholas Carr e os neurocientistas Jordan Grafman e Michael Merzenich, que após anos de experimentos vêm alertando que quando realizamos

multitarefa online, estamos "treinando nosso cérebro para prestar atenção ao lixo" (MONTENEGRO, 2012).

Faz 24 anos desde a primeira vez que o nome Manguebit apareceu pela primeira vez na mídia, no Jornal do Comércio. São 24 anos de história do movimento e percebemos a dimensão que ele tomou. São centenas de bandas formadas, jornais e sites, dentro e fora do país tentam nos contar um pouco da rica cultura construída ao longo dos anos, documentários como o da BBC leva um pouco da cara brasileira para o mundo, monumentos são levantados carregando sua simbologia, pesquisas no mundo acadêmico que vão desde artigos, monografias a livros publicados. Essas são algumas das muitas demonstrações de carinho e reconhecimento que o Manguebeat recebeu e ainda receberá por conseguir de forma tão inovadora fundir preocupações sociais e história do mundo e ainda criar uma arte original, conceitual e forte.

### **Bibliografia:**

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Trad. de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

CAIAFA, Janice. **Nosso século XXI: notas sobre Arte, Técnica e Poderes**. Rio de Janeiro: RelumeDumara, 2000.

COSTA, Cristina. **Questões de Arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico**. São Paulo: Ed. Moderna, 2004.

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche, vida como obra de arte**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GONÇALVES, Fernando do Nascimento. **Comunicação, cultura e arte contemporânea**. 2007. Disponível em: <[www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed\\_08/01FERNANDO.pdf](http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_08/01FERNANDO.pdf)>. Acesso em 16 maio 2015.

KELLY, Celso. **Arte e Comunicação**. Rio de Janeiro: Agir, 1972.

MONTENEGRO Fred Rodrigo. **Caranguejos Com Cérebro**, o manifesto, 1992. Disponível em <[http://www.recife.pe.gov.br/chicoscience/textos\\_manifesto1.html](http://www.recife.pe.gov.br/chicoscience/textos_manifesto1.html)> Acesso em: 01 julho 2015.

MONTENEGRO Fred Rodrigo. **Fred Zero Quatro revê "manifesto do mangue" 15 anos após a morte de Chico Science**: depoimento. [02 de fevereiro, 2012]. *Portal UOL*. Disponível em <<http://musica.uol.com.br/ultnot/2012/02/02/no-dia-em-que-a-morte-de-chico-science-faz-15-anos-fred-04-reescreve-o-caranguejos-com-cerebro.jhtm>>. Acesso em: 02 julho 2015.

MOSQUERA, Juan. **Psicologia da Arte**, Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1976.

TALES, José. **Do frevo ao mangue beat**. São Paulo: Editora 34, 2000.